



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA**

JUANA EMANUELA DE SOUSA GAUDÊNCIO SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO: UMA ANÁLISE
NUMA ESCOLA PÚBLICA EM CG/PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

JUANA EMANUELA DE SOUSA GAUDÊNCIO SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO: UMA ANÁLISE
NUMA ESCOLA PÚBLICA EM CG/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Dr^a. Wanderleia Farias Santos

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Juana Emanuela de Sousa Gaudencio.
A relação entre aprendizagem e mediação [manuscrito] :
uma análise numa escola pública em CG/PB / Juana
Emanuela de Sousa Gaudencio Santos. - 2019.
47 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Wanderléia Farias Santos ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Ensino fundamental. 2. Mediação . 3. Prática
pedagógica. 4. Aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 372

JUANA EMANUELA DE SOUSA GAUDÊNCIO SANTOS

A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO: UMA ANÁLISE NUMA
ESCOLA PÚBLICA EM CG/PB

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a Coordenação
/Departamento do Curso de pedagogia
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciatura em pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 19/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Wanderleia Farias Santos
Prof. Dr^a. Wanderleia Farias Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kátia Farias Antero
Prof. Msc. Kátia Farias Antero
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ruth B. Araújo Ribeiro
Profa. Msc. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus e à Virgem Maria por nunca ter me faltado a fé, bênção e proteção de chegar até aqui.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.”

Cora Coralina

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PPP - Projeto Político Pedagógico
SEDUC - Secretária da Educação
STTP - Superintendência de Transportes Públicos
TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TANV - Transtorno de aprendizagem não verbal
UFCG - Universidade Federal de Campina Grande
UFE - União Fraternal Espírita
UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 13 |
| 2.1 | O processo de ensino-aprendizagem..... | 13 |
| 2.2 | O ambiente escolar e as dificuldades de aprendizagem..... | 16 |
| 2.3 | A função social docente x estágio | 18 |
| 3 | CAMPO DE ESTÁGIO SUPERVISIONDO VI..... | 20 |
| 3.1 | Identificação da Instituição..... | 20 |
| 3.2 | Caracterização física da Instituição..... | 20 |
| 3.3 | Organização e gestão..... | 20 |
| 3.4 | Planejamento..... | 21 |
| 3.5 | Sistema de avaliação..... | 22 |
| 4 | ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE AULA..... | 23 |
| 4.1 | O ambiente da sala de aula..... | 23 |
| 4.2 | Caracterização do corpo docente..... | 23 |
| 4.3 | Os alunos..... | 24 |
| 4.4 | O cotidiano escolar..... | 24 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 29 |
| | APÊNDICE A – PLANOS DE AULA PARA O ESTÁGIO | 31 |
| | APÊNDICE B – ATIVIDADE PARA O DIA 03 DE MAIO DE 2019..... | 41 |
| | APÊNDICE C – ATIVIDADE PARA O DIA 10 DE MAIO DE 2019..... | 42 |
| | APÊNDICE D – ATIVIDADE PARA O DIA 17 DE MAIO DE 2019..... | 43 |
| | APÊNDICE E – ATIVIDADE PARA O DIA 24 DE MAIO DE 2019..... | 44 |
| | APÊNDICE F – ATIVIDADE PARA O DIA 31 DE MAIO DE 2019..... | 45 |
| | ANEXO 1– FICHA DE FREQUÊNCIA INDIVIDUAL DA ESTAGIÁRIA | 46 |
| | ANEXO A – COTIDIANO ESCOLAR | 47 |

A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO: UMA ANÁLISE NUMA ESCOLA PÚBLICA EM CG/PB

THE RELATIONSHIP BETWEEN LEARNING AND MEDIATION: AN ANALYSIS IN A PUBLIC SCHOOL IN CG / PB

Juana Emanuela de Sousa Gaudêncio Santos¹

RESUMO

Este estudo apresenta e discute a importância da mediação como instrumento capaz de promover a melhoria do desempenho dos alunos em geral. Levando-se em conta que o contexto da atuação do pedagogo frente às mudanças no contexto escolar, das especificidades da instituição de ensino e do nível dos alunos foi necessário, durante o estágio realizado na Escola Municipal Semente de Luz, localizada na cidade de Campina Grande-PB, avaliar a prática docente e implementar a mediação como método. Afinal, a melhoria do desempenho escolar dos alunos incide na aquisição das competências e habilidades relativas ao nível de ensino, as quais encontram-se descritas na BNCC. Neste sentido, elegemos a meta central avaliar como a mediação se processa no âmbito de uma sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais, da escola onde realizou-se o estágio. Buscou-se, também, de forma específica, descrever o que é e quais as questões dos tipos de mediação que podem ser incluídas a prática docente na escola; comparar o desempenho dos alunos submetidos à mediação com os que não tem essa metodologia em sala e, com base nos resultados avaliados, realizar práticas educativas mediadoras no desempenho dos alunos. Para isto, realizamos uma pesquisa documental e bibliográfica em estudiosos na temática da aprendizagem e da mediação, nos apropriando das pesquisas de Fitó (2012), Bastos (2015), Moran, Massetto e Behrens (2013), Libâneo (2013), Carvalho (2010), Oliveira & Bossa (2013), Moreira (2012), Moraes (2010), dentre outros. Bem como acompanhamos de forma direta a rotina da escola e com base na observação aplicamos atividades e fizemos inserções interventivas com base numa ação mediadora. Concluindo-se, assim, que é preciso aprimorar a prática de ensino e que tal mudança deve incluir um novo olhar acerca de quais seria as reais causas do baixo desempenho escolar dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação. Prática pedagógica. Intervenção.

ABSTRACTS

This study presents and discusses the importance of mediation as an instrument capable of promoting the improvement of students' performance in general. Taking into account that the context of the pedagogue's response to the changes in the school context, the specificities of the educational institution and the level of the students was necessary, during the stage carried out at the Escola Semente de Luz, located in the city of Campina Grande -PB, evaluate the teaching practice and implement mediation as a method. After all, the improvement of the students' school performance focuses on the acquisition of skills and abilities related to the

¹ Juana Emanuela de Sousa Gaudêncio Santos, graduanda Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e aluna da Pós-Graduação na área de Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade Integradas de Patos (FIP). Currículo Lattes: <
https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=2D736B9B9276469C689BE4F04755FF6C#>

level of education, which are described in the BNCC. In this sense, we chose the central goal to evaluate how the mediation takes place within a classroom of the 2nd year of Elementary School, initial years, of the school where the internship took place. It was also sought, in a specific way, to describe what is and what questions of the types of mediation that can include the teaching practice in the school; to compare the performance of students submitted to mediation with those who do not have this methodology in the classroom and, based on the results evaluated, to carry out educational practices that are mediative in student performance. In order to do this, we carried out a documentary and bibliographical research in scholars on the subject of learning and mediation, appropriating the research of Fitó (2012), Bastos (2015), Moran, Massetto and Behrens (2013), Libâneo (2010), Oliveira & Bossa (2013), Moreira (2012), Moraes (2010), among others. As well as following directly the routine of the school and based on the observation we apply activities and we made interventive insertions based on a mediating action. This concludes that there is a need to improve teaching practice and that such a change should include a new look at what the real causes of low pupils' school performance are.

KEYWORDS: Mediation. Pedagogical practice. Intervention.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da Pedagogia, sabemos que existem pesquisadores que visam entender e trabalhar a área educacional. Seja visando o pedagógico voltado para o docente, mas também, ocupando-se com a melhoria do nível de aprendizagem dos discentes. Desta maneira, os estudos de teóricos que abrangem a questão do processo de ensino-aprendizagem, como Vigotsky, vêm contribuir de forma significativa nos questionamentos e vivências presentes nesse trabalho, que está voltado para formação de professores e no processo de aprendizagem dos alunos.

Na realidade ainda falta um direcionamento mais efetivo em prol da minimização dos problemas de aprendizagem. Muito se fala neles, mas a busca para uma solução mais específica ainda é rasa. E mesmo que haja a exigência e o cumprimento da oferta de formações continuadas para os professores, velhos problemas ainda persistem quando o assunto em voga são os “porquês” de os alunos não obterem uma aprendizagem significativa ou de não apresentarem índices de aquisição das competências e habilidades inerentes ao ano em que estão matriculados.

Assim, trabalhar aspectos relacionados à necessidade de mediação na aquisição das competências e habilidades, principalmente, nas disciplinas de Português e Matemática tornou-se essencial. Principalmente, porque a Educação Brasileira tem buscado alcançar melhores desempenhos no que se refere a índices de desenvolvimento educacional, como é o caso do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes).

No entanto, é importante perceber que a prática mediadora só se desenvolve com mais ênfase junto a alunos que, porventura, apresentem laudo médico que ateste questões neurológicas e/ou psíquicas. Com isso, os educadores acabam deixando de lado a mediação focada naqueles que apresentam um baixo desempenho por questões de déficit de aprendizagem, o que comumente, é classificado como “falta de base”. Tais aspectos ratificam à necessidade de se promover a mediação em vários âmbitos do cotidiano escolar. Afinal, é papel do professor mediar o conhecimento com a intenção de melhorar o nível de aprendizagem de seus alunos.

A justificativa da necessidade de uma intervenção mediadora não apenas aos casos de alunos com necessidade de acompanhamento especial, mas também aqueles cujo rendimento é fraco devido a fatores como a dificuldade em assimilar os conteúdos, leitura precária e escrita com desvios e inadequações se constrói por meio da busca da elevação do nível do processo de ensino-aprendizagem. Afinal como afirmam Moran, Massetto e Behrens (2013, p.60) é preciso “focar mais a aprendizagem dos alunos do que o ensino”, e isso torna-se possível com a ressignificação da prática pedagógica.

Um olhar diferenciado sobre a turma, considerando as especificidades dos alunos bem como, a variação na metodologia usada para dar aula e as técnicas usadas para realização das atividades dentro e fora da sala de aula podem corroborar com a melhoria. Daí a necessidade de uma mediação mais abrangente. Como bem afirma Bastos (2015, p. 21) é preciso que o professor perceba que atualmente “o processo de aprendizagem envolve a cognição, a afetividade e a motricidade do sujeito” e, assim sendo, a intervenção deve ter como foco a aprendizagem.

Diante desse cenário, temos como objetivo principal analisar como a mediação se processa no âmbito da sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Semente de Luz. E de forma específica, pretende-se descrever o que é e quais questões os tipos de mediação que podem ser inclusas a prática docente na escola em foco. Comparar o desempenho dos alunos submetidos à mediação com os que não têm essa metodologia em sala

e com base nos resultados avaliados, realizar práticas educativas mediativas no desempenho dos alunos regulares.

Este estudo encontra-se estruturado em capítulos de maneira que, no segundo é apresentado o marco teórico acerca de questões como: o processo de ensino-aprendizagem, a relação entre o ambiente escolar e o nível de aprendizagem dos alunos e da compreensão da função social do professor. Para tanto recorreu-se a autores como: Fitó (2012), Bastos (2015), Moran, Massetto e Behrens (2013), Libâneo (2013), Carvalho (2010), Oliveira & Bossa (2013), Moreira (2012), Moraes (2010), Moreira (2012), dentre outros. No capítulo 3 temos a apresentação do campo de estágio onde são apresentados os aspectos infraestruturais, administrativos e de gestão pedagógica da instituição onde realizou-se o estágio. No capítulo 4 é feito o relato da observação com pormenorização da atuação docente e descrição do perfil da turma com apresentação e análise dos dados da prática interventiva. Para finalizar são apresentadas as considerações finais a respeito da mediação e da intervenção no estágio da docência.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Processo de Ensino-aprendizagem

O processo de ensino-aprendizagem, vem sendo alvo de grande preocupação por parte de professores, bem como de outros profissionais que integram à comunidade escolar. Sabe-se, porém, que os problemas que envolvem tal processo por muito tempo foram desprezados, ou seja, não havia um olhar mais voltado a questões contextuais e vivia-se a dualidade conteúdo e disciplina (entendida aqui como comportamento adequado). Mas, com o passar do tempo, esses problemas se intensificaram, gerando grande impacto no processo de aprendizagem das crianças.

De fato, tornou-se fundamental compreender o que seria a aprendizagem. Para Fitó (2012, p.9), “a aprendizagem deve ser entendida como aquisição de novos conhecimentos”, sendo para ela a função mais transcendente de nosso cérebro. E essa fascinante capacidade que nós humanos temos para aprender algo, é o que nos destaca perante os outros animais. A cada dia somos levados a aprender algo novo para continuarmos a interagir socialmente de maneira que:

A aprendizagem realizada nos processos grupais e coletivos coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. A aprendizagem é compreendida nesta perspectiva teórica como processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros. (BASTOS, 2015, p 43).

No ambiente escolar é perceptível o quão é a relação entre educador e educandos, como também, a relação entre os próprios educandos que são de suma importância na construção dos atos de aprender e partilhar conhecimentos. Afinal, na sala de aula, encontramos uma gama de culturas e vivências, o que a torna um ambiente atrativo para as convivências entre os educandos. Além da interação com o professor, que permite um convívio direto com o conhecimento dos atores de sala de aula. Dentro desses aspectos gera um interesse maior no ato de aprender e ensinar, possibilitando a interação de saberes.

Na passagem do século XX para o século XXI, as pessoas foram submetidas ao rápido avanço tecnológico no contexto de sociedade e sala de aula, obrigando-as a utilizar outras formas de linguagem. Desta maneira, “aprendemos com todas as organizações e com todos os grupos e pessoas aos quais nos vinculamos.” (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2013, p 12). Isto significa que o processo de ensino-aprendizagem ultrapassa os limites do ambiente escolar e é algo contínuo, ou seja, ao longo da vida o ser humano está sob constante aprendizagem. Buscamos em Libâneo (2013) as características da aprendizagem escolar, e vimos que:

- a) A aprendizagem é uma atividade planejada, intencional e dirigida;
- b) O processo de assimilação do conhecimento resulta da reflexão proporcionada pela percepção prático-sensorial e pelas ações mentais que caracterizam o pensamento;
- c) Na aprendizagem escolar há influência de fatores afetivos e sociais, tais como os que suscitam a motivação para o estudo, os que afetam as relações professor-alunos, os que interferem nas disposições emocionais dos alunos para enfrentar as tarefas escolares, os que contribuem ou dificultam a formação de atitudes positivas dos alunos frente às capacidades e frente aos problemas e situações da realidade e do processo de ensino aprendizagem;

- d) Os conteúdos e as ações mentais que vão sendo formados dependem da organização lógica e psicológica das matérias de ensino.” (LIBÂNEO, 2013, p.92-93).

Observa-se nas palavras de Libâneo que a aprendizagem abrange aspectos intra e extraescolares. Por isso, para que ela se efetive de forma adequada não basta que haja apenas uma preocupação com o currículo formal, mas também, com um currículo inclusivo. Ou seja, um currículo que favoreça a inclusão, o que tem se tornado uma meta a ser alcançada nos mais diversos âmbitos escolares.

Incluir significa buscar meios e desenvolver ações que garantam que todos - independentemente da etnia, gênero, religião, orientação sexual, classe social e orientação religiosa – tenham as mesmas oportunidades de acesso a bens e serviços na sociedade. Diante disso e,

Em reconhecimento às características e necessidades dos aprendizes e movidos pela crença na possibilidade de desenvolver suas potencialidades é que devemos adequar a proposta curricular adotada para que nenhum aluno seja excluído do direito de aprender e de participar. Trata-se de mais uma estratégia para favorecer a inclusão educacional escolar de quaisquer alunos. (CARVALHO, 2010, p. 105)

Como se percebe, “a aprendizagem nasce com a vida e com ela se desenvolve. A passagem da ação à representação se dá através de um fazer prático e incessante que pouco a pouco, ao ir organizando o contexto vivido, vai internalizando essa ação.” (OLIVEIRA & BOSSA, 2013, p 18). Por isso, o educando independente do nível de ensino ao qual esteja inserido, necessita de estímulos que o faça, por meio da prática, expandir o interesse pelo estudo e desenvolver conhecimentos que lhe possibilite evoluir no contexto das competências e habilidades específicas de cada ano de sua vida escolar.

No entanto, ainda há alunos que mesmo com estímulos encontram dificuldades no processo de aprendizagem, isso também se deve a fatores que não necessariamente fazem parte do contexto escolar. Pois, a aprendizagem tem uma dimensão ampla, que abrange fatores emocionais, sociais, religiosos e econômicos.

O processo de ensino-aprendizagem não pode mais ser percebido como algo solto, ou seja, mecanizado. Pois, entre os atos de ensinar e aprender há uma dimensão afetiva (empatia), onde o sujeito está diretamente ligado com aquele que o ensina. E quando, tal processo é realizado de maneira indevida ou de forma “seca” pode comprometer os resultados do nível dos alunos.

Posto que, muitas vezes só são levados em conta os resultados quantitativos das avaliações realizadas pelo professor. Por isto,

As situações de avaliação da aprendizagem quando malconduzidas são geradoras de um excesso de ansiedade que se torna insuportável para o aluno, chegando à desorganização de sua conduta, o que acarreta o fracasso na produção escolar. (WEISS *in* OLIVEIRA & BOSSA, 2013, p 169).

Dessa maneira, é importante ressaltar que o professor deve atuar como mediador, não apenas de conteúdos, como também da aquisição de equilíbrio emocional e no florescimento de atitudes e valores positivos, que permita com que seus alunos aprendam interagir com si e com os outros, e a partilhar conhecimentos e expectativas que favoreçam a construção de uma aprendizagem significativa.

“O desejo de não aprender pode apresentar nuances mais emocionais que cognitivas em alguns casos, e é somente com a participação da família e da escola que podemos (des) aprisionar uma inteligência e torná-la curiosa, criativa, desejante.” (BASTOS, 2015, p 39). Pois quando o ambiente escolar não é agradável e gera distanciamento do aluno para com a

aprendizagem, criam-se barreiras no processo de ensino, o que é determinante na aquisição de conhecimentos. Porém,

O professor muitas vezes, por não saber como lidar com problemas de aprendizagem dos alunos, acaba por encaminhá-los a especialistas, como psicopedagogos, sem ao certo saber o que está acontecendo de inadequado com seus processos de aprendizagem. (BASTOS, 2015, p 41).

É importante ressaltar que a entrada das crianças cada vez mais cedo no ambiente escolar sobrecarregou o professor. De maneira que o mesmo precisa conciliar a atenção com a turma, avaliação dos alunos e o processo de ensino dos conteúdos. Que em muitos casos, o docente por não ter como conciliar tantas atribuições, além do fato de, em alguns casos, não saber como proceder, acaba que encaminhado situações que nem sempre necessitam de acompanhamentos mais específicos como, por exemplo, enviar situações de cunho emocional a um psicopedagogo.

Com base nisso, Weiss (*apud* OLIVEIRA & BOSSA 2013) afirma que o fato dessa entrada das crianças cedo no ambiente escolar, exige que a educação se reinvente, ou seja, além de formalizada, a escola precisa ser materna, onde vai abranger não só conteúdos programáticos, mas mais autônomas e independentes para as séries seguintes. Neste sentido, pode-se apontar para necessidade de avaliar a relação entre aprendizagem e avaliação, pois, por muitas vezes, “nesta avaliação, utilizada para caracterizar dificuldade de aprendizagem, elementos fundamentais como métodos de ensino, relação professor-aluno, objetivos e ideologia da instituição” (WEISS *apud* OLIVEIRA e BOSSA, *idem*, p.165). Porém, quando vista de forma descontextualizada a avaliação pode não refletir de fato a origem do mal desempenho do educando, nem tampouco, melhorar os índices de desempenho geral da unidade escolar.

Nas últimas décadas tem se discutido a necessidade de uma aprendizagem significativa anunciada por David Ausubel (2018-2008). A qual, conceitualmente, pode ser compreendida como aquela que se processa a partir do momento que uma nova informação toma como base conceitos relevantes já existentes na estrutura cognitiva do aluno. Ou seja,

Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-litera, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. (MOREIRA, 2012, p.02)

Observa-se que a aprendizagem significativa, constitui-se como um modelo não-arbitrário, ou seja, forçado de aprendizagem pelo qual o aluno sozinho agrega o que já sabe aquilo que lhe é apresentado para atingir o conhecimento. Assim, ele vai aprendendo a desenvolver sua própria capacidade de relacionar o que já sabe (conhecimento prévio) ao que lhe é apresentado formalmente na escola. Tal relação lhe será cobrada posteriormente, pois até mesmo no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) apresenta uma competência no comando da Redação que impera que o aluno tome como base a relação entre “os conhecimentos adquiridos ao longo da vida e na formação escolar” para poder produzir o texto.

A relevância de uma aprendizagem significativa nos anos iniciais se refere, justamente, a capacidade que ela proporciona para que o aluno perceba a relevância do que lhe é ensinado. Assim, pode-se dizer que ela é perfeitamente adequada ao cenário atual, sobretudo, quando comparada a velha prática da aprendizagem por memorização (“decoreba”). Assim sendo,

Efetivamente, a aprendizagem significativa tem vantagens notáveis, tanto do ponto de vista do enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno como do ponto de vista da lembrança posterior e da utilização para experimentar novas aprendizagens, fatores que a delimitam como sendo a aprendizagem mais adequada para ser promovida entre os alunos”. (PELLIZZARI, KRIEGL *et all*, 2002, p.).

Em outras palavras, se os educadores se voltarem para a importância do que é ensinado, do como é ensinado e do que os alunos já sabem e relacionar tais aspectos, o resultado na aprendizagem poderia ser melhor. Neste sentido, “a necessidade de (re)criação e de (re)construção do saber possibilita colocar em movimento o desejo de aprender, bem como o de ensinar” (BASTOS, 2015, p 59). Pode-se inferir, portanto que, os alunos aprendem mais, ou sentem-se dispostos a aprender quando há essa correlação, melhor dizendo, esta valorização dele enquanto produtor de conhecimento.

2.2 O ambiente escolar e as dificuldades de aprendizagem

Nem todos os alunos possuem a mesma facilidade em aprender algo novo. Na realidade, a capacidade de adquirir as competências adequadas à aprendizagem é estendida a todos, porém, a habilidade de cada um é que se diferencia. Por isso é comum a ocorrência de alunos que apresentem facilidade, como também, dificuldades de aprendizagem, mesmo estando em um lugar (re)conhecido pela sua função de fazer florescer o desejo de aprender algo. Oliveira e Bossa (2013, p. 18) assinalam que “os problemas de aprendizagem podem ser vistos como uma dificuldade em tratar com ordem, autonomia e espontaneidade, os imprevistos de percurso”. Ou seja, referem-se aos ‘ruídos’ que ocorrem no ambiente escolar. E é por isto que não devem ser tratados como algo simples, é preciso investigar a sua origem e buscar apoio que favoreça a sua resolução. Mas o que de fato, se caracteriza como dificuldade de aprender?

Dificuldade de aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido à sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas nas condutas de autorregulação, percepção social e interação social, mas não constituem, por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem (CRUZ e STEFANINI 2006, p. 89).

Diante do que afirma Cruz e Stefanini (2006 *apud* GARCÍA 1998, p. 31-32), as dificuldades de aprendizagem interferem em vários âmbitos cognitivo, psíquico e social. Os alunos que demoram para aprender e os que tem dificuldades de aprendizagem, costumeiramente não são bem aceitos pelos colegas. E, tragicamente isso acaba em rotulação: “lento”, “fraco”, “burro”. Essa rotulação é extremamente nociva e pode agravar a situação desse aluno, o que inclui um bloqueio para aprender e desinteresse total pela matéria ou, até mesmo pelos estudos.

É preciso ter consciência de que “o trabalho pedagógico se investe de um tipo de postura que emerge, muitas vezes, do contexto escolar” (PIMENTA e LIMA, 2011, p. 111). A postura aqui descrita refere-se a todos que compõem a comunidade escolar, mas com destaque na figura do professor, afinal é ele que além da família que tem mais contato com o aluno. Aliás, como discorre Morais (2010, p. 187-188) é função do educador promover o respeito às dificuldades apresentadas pela criança, o que inclui, dentre outras medidas:

A não utilização de comentários depreciativos sobre as dificuldades apresentadas pelo aluno; respeitar o ritmo da criança e não envolver em situações de competição

com os demais colegas; não colocá-la em situações geradoras de ansiedade (pedir que leia em voz alta na frente da classe, solicitar que escreva na lousa frases ditas oralmente); evitar comparações com os outros colegas que não apresentam dificuldades; e conversar com os alunos sobre as dificuldades, explicando-lhe porque ocorrem. (MORAIS, 2010, p. 187-188).

Como afirma Friedrich (2012, p. 109) ao relacionar funções psíquicas aos resultados esperados a partir dos ensinamentos escolares veremos que “as aprendizagens exercem um importante papel do desenvolvimento da criança”. Assim, toda vez que forem detectados problemas no que se refere a recepção e processamento de uma informação (conhecimento) pelo aluno existirá dificuldade deste em aprender. E esta percepção torna-se cada vez mais nítida no ambiente escolar, talvez por ser a “escola um espaço coletivo, privilegiado de trocas e interações entre pessoas de diferentes idades, configurando-se como importante influência na construção da subjetividade e da singularidade dos alunos” (BASTOS, 2015, p 42) e os professores têm uma capacidade mais acurada para detectá-las.

Conceitualmente, Barbosa (2006) assinala que as dificuldades de aprendizagem podem ser consideradas quando houver problemas na emissão da informação, integração ou de sua recepção. Ou, ainda nos casos em que houver dificuldade de percepção e memória. Sendo que as causas para tais dificuldades podem ser fruto ou do meio (falta de base ou incentivo familiar) ou de ordem psíquica, neste sentido,

Algumas vezes, a dificuldade de aprendizagem vem associada à incapacidade de prestar atenção, de se concentrar ou de aprender a organizar e planejar adequadamente suas tarefas, o que impede um rendimento acadêmico compatível com o nível de inteligência.

Outras vezes o problema se localiza na esfera do comportamento: dificuldade no controle dos impulsos e da atividade motora ou, e outros casos, na compreensão de determinadas situações sociais, adaptação a situações mutantes e etc. (FITÓ, 2012, p. 10)

As causas psíquicas que interferem na capacidade de processamento do ensino-aprendizagem em um ritmo normal, geralmente não podem ser diagnosticadas e administradas apenas no ambiente escolar. É preciso buscar um apoio mais amplo, mas segundo Bastos (2015) o papel da família é muito relevante na solução dos problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem. Favorece a sua diminuição ou mesmo a solução deste de forma a “resgatar seu potencial cognitivo, emocional, além de possibilitar um novo olhar para si mesmo e o resgate de sua subjetividade” (BASTOS, 2015, p. 39). Mas, mesmo com o apoio familiar as dificuldades de aprendizagem precisam ser bem trabalhadas pelo professor e, nos casos mais severos por outros profissionais a exemplo de psicólogos, psiquiatras e psicopedagogos.

Dentre esses problemas que necessitam de um olhar mais acurado tem-se transtornos como a dislexia, o déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), o transtorno de aprendizagem não-verbal (TANV), a síndrome de Asperger e a discalculia. Infelizmente, esses transtornos têm se tornado cada vez mais presentes no ambiente escolar e falta preparação efetiva e apoio para que o professor consiga administrar a ocorrência de mais de um aluno com problema em uma única sala. Até porque, além da dificuldade relacionada ao ritmo e ao nível de aprendizagem os alunos diagnosticados e com laudos definidos, também apresentam dificuldades relativas à socialização.

Weiss *apud* BASTOS (*Idem*, p 166) ressalta, ainda, que a forma como o aluno é avaliado, com base na organização pedagógica escolar e de como o que foi repassado será cobrado ao aluno. E, “a partir dessa cobrança, formal, institucional, que são definidos parâmetros em relação aos quais a escola aponta “dificuldades de aprendizagem” no aluno”.

Uma vez feito o diagnóstico parte-se para a fase de avaliar causas e estratégias adequadas para solucioná-lo, até porque, “a aprendizagem é um tema central na atividade do professor” (FALCÃO, 1999, p.19). Mas acontece que, “o professor muitas vezes percebe as dificuldades de aprendizagem de seus alunos, mas, devido à distância social e de visão de mundo que há entre eles, suas famílias e suas histórias de vida não conseguem trabalhá-las.” (PIMENTA e LIMA, 2011, p.156).

2.3 A função social docente x estágio

Existe um olhar diferenciado no que diz respeito à função social do professor ao longo dos anos: preceptor, reitor, mestre, professor ou educador, não se resume a uma nomenclatura, mas reflete a doção de uma postura social frente aos alunos. Na verdade, o professor deve ser percebido como,

Um profissional do humano que auxilia no desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento; é um ser de cultura que domina sua área de especialidade científica e pedagógico-educacional e seus aportes para conhecer o mundo; um analista crítico da sociedade, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade científica, que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade. (PIMENTA e LIMA, 2011, p.88).

A construção de uma postura adequada tem origem no período de estágio, nos primeiros contatos com o ambiente escolar do lado de quem media a relação entre a teoria e os alunos. Por isso o papel de educador não é fácil, pois a escola “passa a ser também fundamental para a evolução psíquica da criança, pois é um meio diversificado, rico, coletivo, que oferece novas oportunidades de convivência para ela” (BASTOS, 2005, p.43). Aonde o processo de ensino se reveste como “uma ação conjunta entre professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de promover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções”. (LIBÂNEO, 2013, p.28).

Neste sentido, a escola não é apenas relevante na descoberta de um novo mundo para a criança, mas também, para o professor que vai ser o responsável pela inserção daquela neste novo mundo. Pimenta e Lima (2011, p.113), assinalam que “as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação”. Isto implica que a relação que se estabelece entre o aluno (estagiário) de licenciatura e o professor (regente de ensino) não deve ser apenas protocolar, ou seja, uma relação aonde o estagiário apenas observa conteúdo, metodologia e domínio de sala pelo regente. Desta maneira, o futuro docente não aprenderia a compreender o principal foco de sua atuação profissional que é o olhar para o aluno e como o fazer se sentir confortável no ambiente escolar.

Refletir sobre a prática significa, portanto, ser capaz de adequar a teoria à realidade a ser vivenciada não apenas no espaço (sala de aula), mas ao ambiente em si. “O trabalho docente com conteúdos específicos, por sua vez, se efetiva especialmente na gestão pedagógica da sala de aula” (PIMENTA e LIMA, 2011, p.146). O papel do professor é de conduzir, facilitar, mediar o conhecimento, na realidade,

O professor como uma referência primeira, como um outro para o aluno, pode abrir novos horizontes e uma nova perspectiva em relação ao saber, mas precisa também admitir a sua própria incompletude, sua própria divisão, para que o aluno possa se posicionar, se apropriar da própria de sua voz e estabelecer um “bem dizer” (BASTOS, 2015, p. 61).

A abertura de novos horizontes para o aluno no ambiente escolar é mais do que algo natural ao processo de escolarização. Acerca disso, Pimenta e Lima que, “além de saber os conhecimentos sobre determinada área da realidade, que se converterá no conteúdo de ensino, alia-se ao domínio de recursos teóricos e metodológicos para transmissão, partilha e socialização do conhecimento” (PIMENTA e LIMA, 2011, p.65).

O papel do professor vai além do repassar conhecimentos que integram um currículo, mas também de saber dentro da realidade em que o aluno vive ofertá-lo o que julga que deve ser aprendido para a socialização deste. Até, porque, como afirma José Carlos Libâneo, “a atividade educativa acontece nas mais variadas esferas da vida social (nas famílias, nos grupos sociais, nas instituições comunitárias, nas igrejas, nas empresas, nos meios de comunicação de massa etc.) e assume diferentes formas de organização”. (LIBÂNEO, 2013, p.23).

3 CAMPO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI

3.1 Identificação da Instituição

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Semente de Luz está localizada na Rua do Progresso, nº 98, no bairro do Quarenta, zona urbana do município de Campina Grande, Estado da Paraíba. A localização é privilegiada, uma vez que fica próxima a residências, condomínios, padaria e outros comércios.

Fundada em 15 de Junho de 1977, à princípio ofertava a pré-escola e a alfabetização. Atendendo aos alunos, com faixa etária de 3 a 7 anos, e atuando sobre o regimento da União Fraternal Espírita (UFE), que é uma sociedade civil sem fins lucrativos e com caráter religioso, assistencial e educacional.

Mesmo com todos os recursos oferecidos pela UFE, a instituição passou a contar com a custódia da Secretária de Educação do município, Campina Grande-PB, ou seja, foi municipalizada. Com isto, a unidade mantenedora, Prefeitura Municipal de Campina Grande, através da secretaria da educação, fornece os subsídios necessários para a manutenção da escola, aquisição de equipamentos, merenda, materiais didáticos, como também no que diz respeito a contratação de professores e corpo técnico da instituição.

3.2 Caracterização física da Instituição

A Escola Municipal Semente de Luz funciona em um prédio cedido pela União Fraternal Espírita (UFE) e atende a crianças nos segmentos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, séries iniciais, com turmas do Infantil e do 1º ao 5º ano. No que se refere aos aspectos infraestrutura conta com cinco (05) salas de aula, no administrativo tem a secretaria, sala da diretoria e almoxarifado, sala dos professores, laboratório de informática, sala de leitura, cozinha e dispensa. Há dois banheiros (equipados com chuveiro) que ficam dentro do prédio e o que inclui um adequado à educação infantil e outro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

Aliás é importante verificar que na escola há preocupação com a acessibilidade, uma vez que, encontramos dependências e espaços adequados à locomoção dos PDCs. A escola conta ainda com auditório, pátio descoberto e uma pequena área verde.

3.3 Organização e gestão

A escola tem um quadro de funcionários capacitados, desde a gestão, secretaria (secretária e duas auxiliares administrativas), supervisão, professores e setor de atendimento psicológico. Conta ainda com merendeira, porteiro e auxiliares de serviços gerais. Tem um quadro com 18 profissionais. Sendo a gestora escolar, três pessoas na secretaria, sete professores, um porteiro, uma merendeira e quatro auxiliares de serviço. Quanto ao quadro de professores há sete docentes em atividade.

A organização das turmas é feita com base no número de alunos e faixa-etária dos mesmos. Além disso, o número de alunos por sala, segue as orientações da Comissão de Educação, Cultura e Esporte, que permite, no máximo 25 alunos por professor, nos anos iniciais do ensino fundamental.

A gestão é democrática seguindo o que dispõe a Constituição Federal de 1988 que reza que a “gestão democrática do ensino público, na forma da lei” (Art. 206, Inciso VI) e a LDB/1996 que complementa a Carta Magna ao acrescentar as palavras “e da legislação dos sistemas de ensino” (Art. 3, Inciso VIII). Na instituição a democracia na gestão das atividades

educacionais estabelece-se por meio da interação com os demais membros da comunidade escolar: professores, profissionais de educação, pais e alunos.

Essa participação refere-se tanto a tomada de decisões no âmbito administrativo, quanto no campo financeiro e no pedagógico. Tendo como ápice dessa participação a elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, mas está presente em outras ações como na composição do Conselho Escolar, nas revisões do Regimento de Ensino e realização de reuniões para tratar de interesses da coletividade. Seguindo assim, o que dispõe a LDB (Lei Nº. 9.394/96) a sua função de definir “normas de gestão democrática do ensino público na educação básica”, ressaltando a garantia da “participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola” e a “participação das comunidades escolares e local em conselhos escolares ou equivalentes” (Arts. 3º e 14).

3.4 Planejamento

Planejar as aulas é uma ação indispensável para alinhar o currículo escolar a realidade encontrada no perfil da turma, afinal o planejamento deve ser flexível, uma vez que possibilita ao professor uma reflexão sobre o cotidiano vivenciado em sala.

Na escola há uma rotina a ser seguida, as atividades de planejamento seguem um parâmetro pré-estabelecido pela Secretaria da Educação do Município. As professoras recebem o material da secretaria e as instruções e com base nelas planejam as aulas. Cada professora elabora individualmente seu plano e depois o submete à supervisora para que esta avalie e aprove. Foi repassado também que há a oferta de formação continuada pela Secretaria a qual garante a renovação e a avaliação das metodologias aplicadas em sala.

O planejamento escolar é bimestral e segue-se o calendário com os eventos e pautas a exemplo das reuniões de pais, formações continuadas e períodos para avaliações. Porém cada professora faz seu plano semanal, uma vez que cumprem os horários de aula-atividade destinados a tal propósito.

Uma vez estabelecidos os conteúdos a serem trabalhados de acordo com o nível de aprendizado de cada turma. Deve-se avaliar se os mesmos se enquadram no que dispõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ou seja, é preciso avaliar quais competências e habilidades devem ser trabalhadas conforme a série (ano) e faixa-etária do alunado. Outro ponto a ser considerado são as estratégias para desenvolvimento dos projetos. A cada bimestre é enviado pela Seduc (Secretaria da Educação) uma temática a ser desenvolvida por todas as unidades de ensino.

Quanto às formações continuadas desenvolvidas fora da escola, a cada semestre é entregue pela Secretaria um calendário com as datas em que ocorrerão as formações para os técnicos com ênfase nos aspectos administrativos e pedagógicos, bem como, das formações que serão realizadas com os professores voltadas à formação pedagógica. Porém, dependendo das necessidades da escola são ofertadas formações no horário das aulas departamentais, estas são realizadas na escola e, em certos casos, ocorre a participação de outras instituições como a Secretaria de Saúde, Superintendência de Transportes Públicos (STTP) e de Universidades como a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). No caso dessas parcerias estas vêm a auxiliar no desenvolvimento de projetos de extensão como de Educação para o Trânsito e Saúde na Escola. No município de Campina Grande, por meio do Decreto Nº 2.715/99 a oferta curricular seguia a organização por Ciclos e a avaliação era da lógica conceitual. No entanto foi retomada a estrutura bimestral e o retorno das notas, ou seja, o sistema seriado.

3.5 Sistema de avaliação

O sistema de avaliação deve partir da consciência de que a escola é uma instituição responsável por produzir conhecimento, ou seja, é ela que vai ser a responsável por despertar um bom rendimento no processo de ensino aprendizagem dos alunos. É importante ressaltar que a avaliação deve levar em consideração todo o processo de construção do conhecimento, desde o conhecimento prévio que os alunos tenham sobre determinado assunto, até o conhecimento que foi aprendido com o passar dos conteúdos. De acordo com Weiss *apud* Oliveira & Bossa (2013),

A forma de avaliar o aluno reflete como se organizar a ação pedagógica da escola, se ela tem ou não filosofia de educação coerente e definida; sabe que homem quer formar; se tem uma diretriz geral de trabalho, que envolva o planejamento em diferentes níveis, e assim se reflita “no fazer” e “na cobrança” em sala de aula. (OLIVEIRA & BOSSA, 2013, p 166)

Desta maneira, a avaliação deve ser considerada como elemento que atua visando a melhoria de qualidade da aprendizagem, ou seja, vai servir como instrumento para regular o processo de ensino-aprendizagem, para que, dessa forma, os objetivos propostos sejam garantidos. Além disso, a avaliação não é um instrumento que vai apenas mostrar o desempenho do aluno, mas vai servir como avaliação também do processo de ensino do professor, demonstrando aonde é preciso que haja aperfeiçoamento da didática trabalhada em sala de aula.

Na referida instituição, a avaliação acontece por meio de provas parciais e globais. Por meio delas é observado se os alunos desenvolveram ou não as competências e habilidades necessárias para a aprendizagem eficaz dos conteúdos. Há também o uso de uma avaliação contínua, por meio do acompanhamento de atividades desenvolvidas dentro e fora de sala de aula, bem como da participação dos educandos em projetos. E por fim, é avaliada a assiduidade e comportamento das crianças no ambiente escolar.

A cada final de bimestre é realizado o Conselho de Classe com vistas a avaliar o rendimento do alunado no que se refere à aquisição das competências e habilidades necessárias à série. Para reforçar são registrados em ata, os possíveis casos de baixo rendimento e que, porventura, possam resultar na retenção do aluno. Para reforçar é realizado um Plantão Pedagógico a cada bimestre, tendo em vista a necessidade de se discutir com a família estratégias que venham a fortalecer os laços com a escola e, nos casos em que o aluno esteja necessitando de reforço sejam pensadas fórmulas de reverter estes casos.

4 ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE AULA

4.1 O ambiente da sala de aula

A sala de aula é o ambiente que favorece os momentos de aprendizagens e convívio entre alunos e professor, portanto, é um elemento de suma importância no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, é nesse ambiente que se dão os momentos que oportunizam a aquisição de conhecimento. Desta maneira, se faz necessário que seja um ambiente bem estruturado e organizado, se tornando propício para a realização de atividades e dinâmica do professor com os alunos.

A organização desse ambiente deve ser baseada na didática utilizada por cada docente, levando em consideração a forma com qual o professor acha que deve ser a disposição das cadeiras, distribuição dos alunos em sala e materiais de apoio nas paredes, como espaço para mural, varal para exposição de atividades, prateleiras com livros, brinquedos e materiais pedagógicos. Desse modo, a sala de aula deve ser ampla, dotada de boa iluminação e ventilação e equipadas com mobiliário adequado ao tamanho das crianças.

Assim, pude observar que na sala de aula do 2º ano, as professoras não dispõem de espaço para locomoção, organização das carteiras e materiais. Em formato retangular, estreita, com pouca iluminação, já que mesmo possuindo cinco (5) janelas, por elas não adentra a iluminação natural necessária e com uma lousa pequena para realização de atividades copiadas na mesma, quanto a ventilação do ambiente, a mesma é auxiliada por ventiladores. As carteiras são organizadas em fileiras, sendo uma com dois alunos juntos e uma outra de forma individual, o que gera conversas paralelas e discussões em sala de aula, já que para uma criança de se deslocar de seu lugar para ir ao banheiro ou falar com a professora, precisa atrapalhar o colega do lado.

4.2 Caracterização do corpo docente

Na sociedade atual, ser professor é um verdadeiro ato de doação e amor pela educação, afinal, hoje podemos recorrer há diversos recursos para obtenção de conhecimento. Mas, em se tratando de ser professor nas séries iniciais, como é o caso da turma onde foi realizado o estágio, podemos ver que mesmo diante de toda uma nova dinâmica de ensino, a ressignificação do papel desse profissional é cada vez mais necessária.

Na perspectiva de Moran, Masetto e Behrens (2013, p.26), “uma boa escola precisa de professores mediadores, motivados, criativos, experimentadores, presenciais e virtuais. De mestres menos “falantes”, mais orientadores”. Tal perfil, descrito pelos autores está aquém da realidade verificada no local do estágio. Isto, porque não se percebe nelas uma dinâmica de ensino que motive e provoque a criatividade e a experimentação dos alunos, as aulas expositivas-dialogadas ainda são a rotina e não há prática de atividades lúdicas e nem dinamicidade na abordagem dos conteúdos.

Partindo-se do pressuposto de que o pedagogo é o profissional que atua nos primeiros anos de vida escolar das crianças, ou seja, de que ele é a pessoa com quem a criança mantém o primeiro e mais amplo contato fora do convívio familiar. No ambiente escolar, cabe ao professor a figura de protagonista e ações atitudes que servirão de espelho já que irá transmitir a eles os primeiros conhecimentos necessários para início da vida estudantil dos educandos.

A turma do 2º ano do Ensino Fundamental observada no estágio é regida por duas professoras, Mariclécia Travassos e Maria de Lourdes, uma exceção, uma vez que a professora regular, Maria de Lourdes, devido a questões de saúde, necessita de auxílio para atender a demanda do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. As duas docentes são licenciadas em Pedagogia e contam com bastante experiência em sala de aula. Mesmo

experientes verifica-se a necessidade de uma mudança na postura em sala, uma vez que a prática pedagógica tradicionalista e impositiva, acaba gerando o distanciamento afetivos entre elas e a turma. Elas são muito “secas” no tratamento com as crianças.

Com relação ao domínio de conteúdo, é perceptível que as professoras apresentam domínio, no entanto, falta-lhes uma sensibilidade na transmissão dos mesmos, uma vez que a sala de aula apresenta crianças com níveis de aprendizagem diferenciados, o que em alguns casos, acaba gerando mais problemas relacionados a aprendizagem.

4.3 Os alunos

A turma apresenta um perfil marcado pela diversidade étnica e social. Conta com 22 alunos regularmente matriculados, sendo 18 meninos e 06 meninas. Em relação ao perfil da turma, é perceptível a carência afetiva e a fragilidade dos vínculos familiares, que por sua vez, afetam a interação, ou seja, falta-lhes uma educação socioemocional. O que lhes garantiria a autonomia necessária para o desenvolvimento dentro e fora da escola, uma vez que, alguns alunos ainda apresentam atividades vindas de casa, incompletas, erradas ou até mesmo não realizadas.

O apoio socioemocional garante o desenvolvimento do equilíbrio emocional, da autonomia, favorecimento da relação interpessoal entre alunos e professoras, e entre os próprios alunos. Estando emocionalmente equilibrado, o aluno torna-se capaz de vencer os mais variados obstáculos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, pois terá segurança na realização de tarefas, mesmo que esteja sozinho, ficando mais fácil o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias à sua formação pessoal e estudantil.

4.4 O cotidiano escolar

Antes de iniciar a docência na turma do 2º ano, fui á escola para fazer o apanhado de dados, me apresentar enquanto estagiária e avaliar o ambiente da escola. Era 26 de abril de 2019, nesse dia, fui até a sala de aula, realizar observações sobre a didática das professoras, como se dava a realização das atividades, como também observar o comportamento dos alunos.

O período total de observação foi entre os meses de abril e maio, sempre às sextas-feiras, o que dificultou o andamento da intervenção pois houveram dias em que não houve aulas ou em que foram desenvolvidas festividades na escola.

Dia 03 de maio de 2019

O primeiro dia de docência em sala do 2º ano, as professoras da turma estavam observando o desenvolver da minha aula. Os alunos, por já me conhecerem, comportaram-se de forma habitual, prestando atenção no que era dito. A aula aconteceu conforme o planejado, iniciando com a acolhida dos alunos e trabalhando o calendário, como a data, o dia da semana.

Logo após, entreguei a atividade planejada, que consistia em trabalhar o texto “O macaco” (*Apêndice B*), trabalhando as letras e número de sílabas que formam a palavra macaco. Logo após a leitura do texto realizada por mim, os alunos leram de forma coletiva e iniciaram a atividade impressa, que foi realizada coletivamente, onde eu lia as questões e junto com ele localizávamos as respostas para que eles transcrevessem na folha.

Após o intervalo, pedi para que eles abrissem o caderno e copiassem o texto que transcrevi no quadro para o caderno, para que durante esse momento eu pudesse analisar

como estava o nível de escrita deles, como também pedi para que de acordo com o que eu chamasse, eles fosse a mesa e fizessem a leitura do texto.

A vivência desse primeiro dia como docente, deu início a tomada de consciência acerca da didática tradicional utilizada pelas docentes em sala de aula, onde existe um barreira entre os alunos e as mesmas, fazendo com que muitas vezes surjam problemas no processo de aprendizagem dos educandos, por não haver a permissibilidade para que os mesmos tirem dúvidas e sanem possíveis obstáculos que possam vir a dificultar uma aprendizagem significativa. Afinal,

A aprendizagem, pois, é o conjunto de mecanismos que o organismo movimenta para se adaptar ao meio ambiente. Piaget afirma que a aprendizagem se processa através de dois movimentos simultâneos e integrados, mas de sentido contrário: a assimilação e a acomodação. (Bordenave & Pereira, 2019, p 28)

Ou seja, é preciso que o meio social ao qual as crianças estejam inseridas, possibilite-lhes a assimilação e que se sintam estimuladas a aprender. No que diz respeito a acomodação, essa se converte na aceitação que a realidade lhes impõe, como é o caso da realidade observada no ambiente de estágio.

Dia 10 de maio de 2019

Ao prepararmos um plano de aula sabemos que o mesmo poderá sofrer alterações por fatores adversos, e foi o que aconteceu, logo após a acolhida das crianças, a professora Mariclécia pediu para que nos dirigíssemos ao pátio para realizar o ensaio para apresentação das mães. Após o ensaio, retornamos à sala de aula, para iniciarmos coloquei os alunos para ouvirem a música “A casa” de Vinicius de Moraes, e verifiquei que algumas crianças já conheciam a mesma. Então, com a letra da música escrita na lousa, pedi para que em voz alta lêssemos juntos. Comecei a explorar, com base na música, se os alunos sabiam quais eram os cômodos comuns de uma casa, e porque eles achavam que aquela casa não tinha nada, e verifiquei que os mesmos disseram várias explicações para a casa da música ser tão diferente.

Fomos para o intervalo, e ao voltarmos retomamos o texto, com mais uma leitura, dessa vez realizada por mim e expliquei a atividade proposta sobre o texto, evidenciando que a mesma deveria ser realizada de individual e sem minha mediação. Com esse momento, percebi que grande parte da turma já se encontra alfabetizada e com bom nível de escrita. (*Apêndice C*)

A modificação do plano de aula programado, é algo inerente a vontade do docente, mas que por vezes acontece, e se faz necessário que o mesmo tenha uma alternativa para que seja adaptado o que foi programado. Nesse dia, além da modificação do que foi programado, é necessário que seja acrescentada ao processo de ensino-aprendizagem atividades que visem enriquecer não somente a questão da escrita e da leitura, mas trabalhem também a questão do conhecimento dos alunos acerca dos assuntos trabalhados, e também atividades que permita a avaliação do nível de aprendizagem que cada educando se encontra. Desta maneira, torna-se mais fácil que o professor venha a idealizar e levar para sala de aula, estratégias para enriquecer e sanar problemas de aprendizagem. Isto porque,

Quando uma criança entra na escola, ela não é uma tábula rasa que possa ser moldada pelo professor segundo a forma que ele preferir. (...) Quando uma criança entra na escola, já está equipada, já possui suas próprias habilidades culturais. (Vigotski, Luria, Leontiev, 2018, p. 101)

Com base nisso, percebemos que o perfil dos alunos em relação ao conhecimento prévio é algo que contribui, e facilita para que sejam inseridos novos conhecimentos naqueles

que eles já possuem, e assim, as crianças passam a se sentir inseridas também no ato de ensinar. Desta maneira, esse resultado foi perceptível no desenvolvimento da aula, onde os alunos puderam interagir e tornar o processo de ensino mais ativo.

Dia 17 de maio de 2019

Ao chegar em sala, recebi a informação de que só haveria as aulas do primeiro horário, pois haveria a reunião de pais e entrega de resultados do primeiro bimestre, o que mudou toda a estratégia do que foi planejado previamente. Então, as professoras fizeram a acolhida dos alunos, explicando o que aconteceria mais tarde, enquanto eu colocava a letra da canção, “Peixe Vivo”, no quadro, para que eles realizassem a leitura de forma coletiva, pois como o horário estava comprometido não deu para ouvirmos a música. (*Apêndice D*)

Com a leitura realizada, pedi para que eles me falassem o que sabiam sobre peixes, e demonstraram ter um bom conhecimento acerca de hábitos, ambiente em que os peixes vivos, além dos conhecimentos específicos da área de português, como número de letras e sílabas. Os alunos começaram a atividade em sala e o que não foi concluído em sala, foi enviado para casa, pois já estava na hora deles merendarem e serem entregues aos pais.

Diante da impossibilidade de dinamizar a aula por meio da música, foi preciso mudar a estratégia de forma imediata, o que de certa forma comprometeu o que foi planejado, como no caso da aula anterior, onde foi necessário que houvesse a adaptação do que havia sido planejado para aquele momento.

Dia 24 de maio de 2019

O quarto dia de docência, iniciamos com a acolhida dos alunos e entrega dos comunicados sobre as atividades que não estavam sendo realizadas em casa. Após a acolhida, comecei questionando-os se eles sabiam o que era pulga, e para minha surpresa a maioria dos alunos sabiam, então comecei a leitura do texto “A pulga Olga” e em seguida, eles fizeram a leitura de forma coletiva em voz alta. (*Apêndice E*)

Voltando a explorar novamente o tema animais, antes da leitura questionei se os alunos sabiam o que seria uma pulga e em quais animais era possível que a mesma aparecesse, gerando uma discussão prévia sobre a temática do texto a ser trabalhado.

Após as discussões sobre os animais, fiz a leitura em voz alta do texto, “A pulga Olga”, e expliquei o que estava sendo pedido em cada questão da atividade, e em seguida eles começaram a fazer. Durante a realização da atividade, verifiquei que algumas crianças estavam com dificuldade na questão 3 da atividade, que pedia para que de acordo com o texto, completasse as frases. Com essas crianças iniciei a mediação, de forma individual, verificando que elas apresentavam dificuldades na realização da questão, por ainda apresentarem dificuldades no processo de alfabetização, são sabendo diferenciar sons e formação de palavras.

Segundo Teberosky (2014), a mediação é essencial no desenvolvimento das habilidades de linguagem e escrita, e mais ainda,

[...] Em todas as atividades é necessária a intervenção do adulto, a mediação do professor entre as ideias da criança e a realidade do texto ou as exigências da atividade. É o professor que sabe quando e como deve ressaltar o contexto para facilitar a antecipação do texto; que sabe como e quando deve atenuar a influência do contexto para tornar o texto autossuficiente; que sabe quando e como se deve incentivar o confronto para integrar as convenções etc. (TEBEROSKY, 2014, p. 57)

De fato o papel do professor como mediador do conhecimento e não como impositor, pode influenciar positivamente tanto na relação interpessoal da turma, quanto no alcance do êxito do que foi planejado em sala, das habilidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos, e mais ainda, no alcance da aprendizagem significativa.

Dia 31 de maio de 2019

Último dia do estágio, ao recebê-los e fazer a habitual acolhida, trabalhando o calendário e a chamada, e expliquei aos alunos que aquele seria meu último dia na sala com eles, e notei que muitos já havia se apegado a mim, como também ao meu jeito de trabalhar em sala.

Conforme o planejado, nesse dia, trabalhei o texto “Beto, o bom de bola”, realizando a leitura coletiva, discutindo o que foi entendido, questionando sobre os personagens do texto, aonde eles achavam que os personagens estavam. (*Apêndice F*)

Após isso, explanei e expliquei a atividade para que os alunos realizassem, com base no texto, e, explorando a formação de palavras com a letra “B”. Encerrei o último dia, agradecendo pela acolhida e parabenizando-os pelo comportamento em sala, e distribuindo livros para que cada um, em sua mesa, realizasse a leitura do livro recebido.

Com base nos dias de estágio, no que diz respeito a relação com as professoras e com a turma, foi possível verificar que uma presença diferente em sala de aula, como no caso estagiário, permite que haja uma ressignificação do processo de ensino-aprendizagem, na questão da didática, como também, permite que o docente responsável pela turma, venha a poder analisar o que precisa ser mais explorado para que haja um processo de ensino-aprendizagem mais positivo e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando, pois, que a prática pedagógica em Pedagogia deve favorecer ao estagiário a possibilidade de avaliar e, quando necessário, intervir no cotidiano da sala com sugestões e realização de atividades mediadas com o objetivo de contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo desse trabalho foi constatar a necessidade e importância da mediação no processo de ensino-aprendizagem, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais. Temos como pressuposto que, ao pensar na mediação como um valioso instrumento para melhoria do desempenho escolar traçamos objetivos específicos de realizar práticas mediativas durante a realização de atividade e após a comparação entre as atividades feita sob o olhar mediador, e as que não foram feitas sob esse olhar. Os quais foram alcançados com êxito, a partir do momento em que sentia a necessidade intervir na realização da atividade de algum aluno que estivesse sentindo necessidade, percebi que a mediação favorece de forma muito positiva nos desempenhos dos alunos que necessitem da mesma, durante o processo de aprendizagem.

Ao longo do período de estágio, na Escola Semente de Luz, buscou-se alcançar o objetivo de registrar a importância do docente com olhar mediador. Assim, ao observar a prática docente exercida pelas professoras titulares da sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, constatamos a necessidade de um olhar sensibilizado das docentes para com sua realidade em sala de aula.

De forma geral, conforme foi relatado no capítulo de observação e análise, a turma apresenta níveis diferentes de rendimento no que se refere ao ensino-aprendizagem. O que ratifica a necessidade de uma prática interventiva, a qual centre-se numa atenção a mais a ser dispensada para aqueles alunos que não estão acompanhando com total habilidade o percurso de conteúdos da série a qual encontram-se inseridos.

Além da análise das professoras titulares da sala, o fato da oportunidade de exercer o papel de docente, permitiu-me verificar que é possível ser docente e ao mesmo tempo, estar com o olhar sensível para os alunos que apresentam necessidade de mediação durante o processo de aprendizagem.

Quanto à mediação no campo de estágio verificamos que por conta de práticas pedagógicas exercidas de forma impositiva, e que não se modifica diante dos obstáculos encontrados para que a aprendizagem seja eficaz, as dificuldades encontradas pelo alunado, acaba que sendo fator agravante e que procrastina a superação dessas dificuldades.

Desse modo, o fazer docente vai além do ensinar os conhecimentos conteudistas, competências e habilidades das quais cada ano tem, segundo a BNCC, é necessário que no ambiente escolar, o aluno encontre profissionais, que venham a facilitar essa aprendizagem. Isto é, o professor precisa ressignificar sua prática pedagógica. O que pode ser feita por meio de ações como buscar uma formação continuada, visando o aprimoramento da didática utilizada, análise das dificuldades encontradas no processo de ensino, para que tais problemas sejam sanados.

Diante disso, esperamos, portanto que, a partir dos resultados elencados na pesquisa sirva de contribuição para que os futuros estudos de aprimoramento da prática docente venham a ser aspectos positivos na resolução dos obstáculos encontrado no processo de ensino – aprendizagem, nas turmas do Ensino Fundamental, anos iniciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação**. 2.ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.
- BASTOS, Alice Beatriz B. **Psicopedagogia clínica e institucional**. Diagnóstico e intervenção. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- FALCÃO, Gerson Marinho. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo, Ática, 1999.
- FERREIRA, Jociene Carla Bianchini; FRANCO, Leila Maria. **Didática e Práticas Educativas**. 1ª ed. – São Paulo: Baraúna, 2015.
- FITÒ, Anna Sans. **Por que é tão difícil aprender? O que são e como lidar com os transtornos de aprendizagem**. São Paulo, SP: Paulinas, 2012.
- FRIEDRICH, Janette. **Levy Vigotski: Mediação, aprendizagem e desenvolvimento – Uma leitura filosófica e epistemológica**. Campinas, SP: mercado das Letras, 2012.
- GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 274 p.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2013.
- MORAES, Giselly Lima de. **Estágio na Licenciatura em Pedagogia - Projetos de leitura e escrita nos anos iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edefal, 2012.
- MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 2010.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias de mediação pedagógica**. 21ª ed. Revisada e atualizada – Campinas, SP: Papyrus, 2013. (Coleção Papyrus Educação).
- OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia A. (Orgs.). **Avaliação Psicopedagógica: da criança de sete a onze anos**. 20ª ed. – RJ: Vozes, 2015.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 6ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, João Francisco de.; SOUZA, Inez Maria Fornari (organizadora). **Prática Pedagógica e Formação de Professores.** 2ª edição. Recife: Ed, Universitária da UFPE, 2012.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Língua Escrita.** 17ª edição – Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

VIGOTSKI, Levy Semeovich; LURIA, Alexander Romanovich ; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 16ª ed. – São Paulo: ícone, 2018.

APÊNDICE A – PLANOS DE AULA ELABORADOS PARA O ESTÁGIO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

Escola Municipal

Professoras da turma: Mariclécia e Maria de Lourdes

Estagiária: Juana Emanuela de Sousa Gaudêncio Santos

Professora orientadora: Wanderleia Farias

Horário: 07h00 às 11h00

Série: 2º ano - Manhã

Plano de aula I

1. Tema:

Características dos animais: o macaco

2. Objetivos

2.1 Objetivos gerais

Trabalhar a competência leitora e a interpretação de texto.

2.2 Objetivos específicos

Contextualizar por meio do texto “O Macaco” a formação de palavras com a família silábica da letra “M”.

3. Conhecimentos abordados

Leitura, caracterização da personagem, separação silábica e interpretação de textos

4. Metodologia

Utilização do texto impresso entregue aos alunos, leitura em voz alta, seguida de contextualização para promover a participação dos alunos por meio de inferências sobre o tema. Aula expositiva com a abordagem da família silábica da letra “M”. Leitura e explicação

da atividade. Exposição de conteúdo na lousa para que os alunos a transcrevam para o caderno.

5. Avaliação

Participação nas atividades de leitura e realização das atividades escritas

6. Recursos necessários

Material com texto “O Macaco”, atividade e lousa.

7. Referências

Díspõnível em: < <https://www.lipitipi.org/2013/07/atividade-letra-m-1-ano.html> >



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Escola Municipal

Professoras da turma: Mariclécia e Maria de Lourdes

Estagiária: Juana Emanuela de Sousa Gaudêncio Santos

Professora orientadora: Wanderleia Farias

Horário: 07h00 às 11h00

Série: 2º ano - Manhã

Plano de aula II

1. Tema:

Moradia

2. Objetivos

2.1 Objetivos gerais

Trabalhar interpretação de texto.

2.2 Objetivos específicos –

- Mostrar o texto “A casa” focalizando o tema moradia;
- Identificar os ambientes que compõem uma casa;
- Estimular as habilidades de leitura e escrita.

3. Conhecimentos abordados

- Interpretação de textos
- Cômodos que compõem uma casa

4. Metodologia

A abordagem será feita por meio da audição a música “A casa” na voz de Toquinho, seguida da distribuição da folha com o texto “A casa”, fazer a leitura coletiva com a turma e debater com os alunos os ambientes que compõe uma casa. Aplicação da atividade baseada no texto, de ser realizada de forma individual por cada criança. Após a realização da atividade impressa, copiar no caderno o texto que estará transcrito no quadro.

5. Avaliação

Participação nas atividades de leitura e realização das atividades escritas

6. Recursos necessários

Caixa de som e pen drive com a música “A casa”;

Atividade e texto impresso;

7.Referências

Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/vinicius-de-moraes/49255/>>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Escola Municipal

Professoras da turma: Mariclécia e Maria de Lourdes

Estagiária: Juana Emanuela de Sousa Gaudêncio Santos

Professora orientadora: Wanderleia Farias

Horário: 07h00 às 11h00

Série: 2º ano - Manhã

Plano de aula III

1. Tema:

O animal aquático: peixe.

2. Objetivos

2.1 Objetivos gerais

Trabalhar interpretação de texto.

2.2 Objetivos específicos

- Ler e avaliar a temática do texto “Peixe Vivo”;
- Identificar o conhecimento dos alunos sobre o peixe;
- Avaliar o conhecimento sobre os animais aquáticos;
- Trabalhar a leitura e escrita.

3. Conhecimentos abordados

- Interpretação de textos;
- Peixe e animais aquáticos.

4. Metodologia

Iniciar com a audição da música “Peixe Vivo”. Distribuir a folha com a letra da canção para que se possa fazer a leitura coletiva com a turma e debater com os alunos sobre o que eles sabem sobre peixe, se conhecem outros animais aquáticos. Aplicar a atividade baseada no texto, de ser realizada de forma individual por cada criança, a estagiária deve evidenciar a formação de palavras quanto a número de letras e sílabas.

5. Avaliação

Participação nas atividades de leitura e realização das atividades escritas

6. Recursos necessários

Caixa de som e pen-drive para audição da música “Peixe Vivo”;

Atividade e texto impresso;

7. Referência

Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/cantigas-populares/984001/>>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Escola Municipal

Professoras da turma: Mariclécia e Maria de Lourdes

Estagiária: Juana Emanuela de Sousa Gaudêncio Santos

Professora orientadora: Wanderleia Farias

Horário: 07h00 às 11h00

Série: 2º ano - Manhã

Plano de aula IV

1. Tema:

Os animais.

2. Objetivos

2.1 Objetivos gerais

Trabalhar interpretação de texto.

2.2 Objetivos específicos

- Trabalhar o texto “A pulga Olga”;
- Debater sobre o que é a pulga;
- Despertar as crianças para a escrita e leitura.

3. Conhecimentos abordados

Interpretação de textos

4. Metodologia

Distribuir a folha com o texto “A pulga Olga”, fazer a leitura coletiva com a turma e gerar uma roda de conversa, onde as crianças possam falar o que entendeu sobre o texto

trabalhado. A atividade deve ser realizada de forma individual por cada criança. O final será feita a correção via arguição oral e mediante uso da lousa.

5. Avaliação

Participação nas atividades de leitura e realização das atividades escritas

6. Recursos necessários

Atividade e texto impresso.

7. Referência

Disponível em: <<http://atividades-infantis-10.blogspot.com/2013/01/atividades-de-interpretacao-de-texto.html>>

/



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Escola Municipal

Professoras da turma: Mariclécia e Maria de Lourdes

Estagiária: Juana Emanuela de Sousa Gaudêncio Santos

Professora orientadora: Wanderleia Farias

Horário: 07h00 às 11h00

Série: 2º ano - Manhã

Plano de aula V

1. Tema:

Futebol

2. Objetivos

2.1 Objetivos gerais

Trabalhar interpretação de texto.

2.2 Objetivos específicos

- Mostrar o texto “Beto, o bom de bola”;
- Debater sobre o gosto pelo esporte por meio do futebol,
- Trabalhar o uso de expressões da oralidade como “bom de bola”;
- Intensificar o processo de escrita e leitura.

3. Conhecimentos abordados

Interpretação de textos

4. Metodologia

Distribuir a folha com o texto “Beto, o bom de bola”, fazer a leitura coletiva com a turma e discutir sobre o texto. Será realizada uma atividade baseada no texto, que deve ser aplicada

de forma individual por cada criança. Após trabalhar o texto e a realização da atividade realizar outras leituras ou atividades de escolha da estagiária.

5. Avaliação

Participação nas atividades de leitura e realização das atividades escritas

6. Recursos necessários

Atividade e texto impresso;

7. Referência

Disponível em: < <https://www.amorensina.com.br/2013/06/beto-o-bom-de-bola-texto-e.html> >

APÊNDICE B – ATIVIDADE PARA O DIA 03 DE MAIO DE 2019

NOME: _____

O MACACO

ELE É UM MACACO GULOSO
QUE BEM CEDO, DE MANHÃ
PENDURADO EM UM GALHO
GOSTA DE COMER MAÇÃ.

(GI BARBOSA)



1- O TEXTO FALA DE QUE ANIMAL?

2- O MACACO É:

() GRANDE

() PRETO

() GULOSO

3- O QUE O MACACO GOSTA DE COMER?

4- COMPLETE AS PALAVRAS COM AS SILABAS QUE ESTÃO NO QUADRINHO:

MA – ME – MI – MO - MU

- a) _____ LA
b) CARA _____ JO
c) _____ MÃO
d) CA _____ SA
e) _____ SA
f) _____ DO

APÊNDICE C – ATIVIDADE DO DIA 10 DE MAIO DE 2019

ALUNO: _____

A CASA

ERA UMA CASA
MUITO ENGRAÇADA
NÃO TINHA TETO
NÃO TINHA NADA
NINGUÉM PODIA
ENTRAR NELA NÃO
PORQUE NA CASA
NÃO TINHA CHÃO
NINGUÉM PODIA
DORMIR NA REDE
PORQUE A CASA
NÃO TINHA PAREDE

NINGUÉM
PODIA
FAZER PIFI
PORQUE
PENICO
NÃO TINHA
ALI
MAS ERA
FEITA
COM MUITO ESMERO
NA RUA DOS BOBOS
NÚMERO ZERO



Víniçius de Moraes

1) QUAL O TÍTULO DO POEMA?

2) MARQUE COM X A ALTERNATIVA QUE DIZ AS CARACTERÍSTICAS DA CASA:

- () LINDA () GRANDE
() COLORIDA () ENGRAÇADA

3) QUAL O NÚMERO DA CASA?

4) ESCREVA NOS ESPAÇOS ABAIXO O QUE FALTA NA CASA.

5) CIRCULE NO QUADRO ABAIXO OS CÔMODOS QUE TEM EM UMA CASA.

| | | | |
|------------|------------|---------|---------|
| FLORESTA | BANHEIRO | BARCO | COZINHA |
| REFEITÓRIO | QUADRO | QUARTO | BOLSA |
| COZINHA | COMPUTADOR | QUINTAL | SALA |

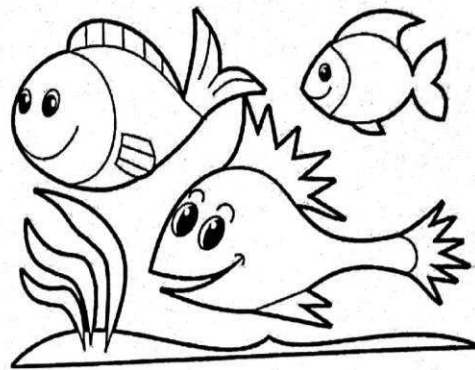
APÊNDICE D – ATIVIDADE DO DIA 17 DE MAIO DE 201

ALUNO (A): _____

PEIXE VIVO

COMO PODE UM PEIXE VIVO
VIVER FORA DA ÁGUA FRIA
COMO PODEREI VIVER
COMO PODEREI VIVER
SEM A TUA, SEM A TUA,
SEM A TUA COMPANHIA

OS PASTORES DESSA ALDEIA
FAZEM PRECE NOITE E DIA
COMO PODEREI VIVER
COMO PODEREI VIVER



(PALAVRA CANTADA)

1) QUAL O ANIMAL É CITADO NA CANTIGA?

2) ONDE VIVE O PEIXE?

3) COMPLETE O QUADRO ABAIXO.

| PALAVRAS | LETRA INICIAL | LETRA FINAL | NÚMERO DE LETRAS | NÚMERO DE VOGAIS |
|----------|---------------|-------------|------------------|------------------|
| PASTORES | | | | |
| DIA | | | | |
| ALDEIA | | | | |
| PEIXE | | | | |
| NOITE | | | | |
| VIVO | | | | |
| ÁGUA | | | | |

4) ESCREVA UMA PALAVRA QUE COMECEM COM AS LETRAS ABAIXO:

P _____

E _____

I _____

X _____

E _____

APÊNDICE E – ATIVIDADE DO 24 DE MAIO DE 2019

ALUNO(A): _____

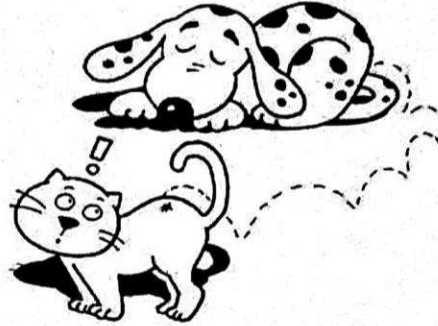


A PULGA OLGA

A pulga Olga saiu
Do cachorro pintado.
Pulou, pulou e chegou
Até o gato espantado.

Sentiu cheiro de pipoca
E saiu na correria.
Pula daqui, pula dali,
Caiu logo na água fria.

Graça Batituci



1) QUAL O TÍTULO DO TEXTO?

2) PARA ONDE A PULGA PULOU QUANDO SAIU DO CACHORRO PINTADO?

3) COMPLETE AS FRASES DE ACORDO COM O TEXTO:

- A) A _____ OLGA SAIU.
B) SENTIU CHEIRO DE _____.
C) CAIU LOGO NA _____ FRIA.

4) ESCREVA:

A) DUAS PALAVRAS COM SÍLABAS COMPOSTAS PELA LETRA "P" _____

B) O NOME DE DOIS ANIMAIS QUE TAMBEM VIVEM NA ÁGUA _____

C) NOME DE TRÊS PESSOAS QUE COMECEM COM A LETRA "P" _____

5) INDIQUE QUANTAS SÍLABAS TEM AS PALAVRAS ABAIXO.

- A) CARAMUJO: _____
B) BANANA: _____
C) SALA: _____
D) CIDADE: _____
E) PARALELEPIPEDO: _____

APÊNDICE F – ATIVIDADE DO DIA 31 DE MAIO DE 2019

ALUNO (A): _____

BETO, O BOM DE BOLA



PAULO, BETO E RENATO VÃO JOGAR BOLA.
 BETO É O GOLEADOR DO TIME.
 PAULO JOGA A BOLA PARA RENATO.
 BETO PEDE A RENATO:
 — AQUI, RENATO!
 A BOLA CAI NO PÉ DE BETO.
 BETO PÕE A BOLA NA REDE E FAZ UM BELO GOL.

Graça Boquet

1) QUAIS OS NOMES DOS PERSONAGEM DO TEXTO?

2) QUEM É O GOLEADOR DO TIME?

3) QUEM FEZ O GOL?

4) QUANTAS VEZES A PALAVRA BOLA APARECE NO TEXTO?

() UMA () SEIS () DUAS () QUATRO

5) ESCREVA CINCO (5) PALAVRAS COM A LETRAS "B".

ANEXO 1- LISTA DE FREQUÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI



CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – 2019.1
ESTÁGIO SUPERVISIONADO VI – ESTÁGIO DOCÊNCIA
PROFESSORA - SUPERVISORA: WANDERLÉIA FARIAS SANTOS

TURNO: Manhã

FICHA DE FREQUÊNCIA INDIVIDUAL DOS ESTAGIÁRIOS(AS)

ALUNO(A): Luciana Emanuella de Sousa G. Santos MATR.: 141218029
ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: Semente de Luz
ENDEREÇO: Rua do Progresso, 98 FONE: _____
GESTOR(A): Maíra CEL.: 996515779

| DATA | TURNO | ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA PELO (A) ESTAGIÁRIO (A) | ASSINATURA DO (A) GESTOR (A) OU RESPONSÁVEL |
|----------|-------|---|--|
| 26/04/19 | Manhã | Observações do campo de estágio | <i>Luciana</i> |
| 03/05/19 | Manhã | 1ª Docência - Característica dos animais | <i>Luciana</i> |
| 10/05/19 | Manhã | 2ª Docência - Moradia | <i>Luciana</i> |
| 17/05/19 | Manhã | 3ª Docência - O animal aquático: peixe | <i>Luciana</i> |
| 24/05/19 | Manhã | 4ª Docência - Os animais | <i>Luciana</i> |
| 31/05/19 | Manhã | 5ª Docência - Futebol | <i>Luciana</i> |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| TOTAL | DE | HORAS = | 30 horas |

ANEXO 2 – FOTOS DO COTIDIANO ESCOLAR

Figura 1 - Organização das carteiras na sala de aula do 2º ano



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019

Figura 2 - Alunos do 2º ano realizando a atividade proposta



Fonte: Elaborada pelo autor, 2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e à Virgem Maria que me permitiram alcançar essa vitória, como em todos os momentos de minha vida me mostrar a força que tem a fé.

Aos meus pais, Admilson e Wanda Patrícia, por estarem ao meu lado ao longo de toda minha vida, sem me deixar faltar amor, carinho, atenção e compreensão.

A minha irmã, Ana Beatriz, por ser minha companheira e amiga fiel.

A minha orientadora, Wanderleia Farias, pelo empenho e dedicação ao longo dessa orientação.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, em especial, Ruth Ribeiro e Kátia Antero, que contribuíram ao longo de toda graduação por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus avós paternos, Manoel Paulo e Joana Maria (*in memoriam*), por me ensinarem a perseverar nas diversas situações da vida.

A minha avó materna, Ivanilda, por sua presença constante em minha vida.

Agradeço a todos da minha família e amigos pela torcida e incentivo.

Ao meu fiel companheiro, Romeu.

Aos colegas de classe, em especial, Nairiane, pelos momentos de amizade e apoio.